

Pataxós se acham ameaçados por museu

Os holofotes continuam voltados para os pataxós, agora também em Coroa Vermelha, Santa Cruz Cabralia. Rodeados de luxuosos hotéis, pousadas e mansões, eles ocupam 77 hectares do valorisadíssimo trecho do litoral baiano chamado *costa do descobrimento*, que vai do sul de Belmonte até Monte Pascoal, e se sentem ameaçados, principalmente pelo projeto do Museu Aberto do Descobrimento (Made), que pretende afastá-los do lugar. Hoje, a partir das 10 horas, O arcebispo primaz do Brasil, cardeal dom Lucas Moreira Neves, celebra a missa que é a encenação da 1ª Missa no Brasil, ocorrida há exatos 497 anos. De personagens fictícios só há os "portugueses", representados por atores trajados com indumentária da época. Os índios estarão presentes, "não fazendo papel de índio, porque somos índios, mas representando a nossa cultura", como dizem. Ontem, à tarde, no campo de futebol de Coroa Vermelha, D. Lucas recebeu das mãos deles a "Carta de Coroa Vermelha", um contundente protesto contra o assassinato do índio Galdino, queimado vivo em Brasília.

Levi Vasconcelos



Foto: Zeka

Em Pau Brasil, os pataxós hã-hã-hãe continuam a ocupar a Fazenda Paraíso e teme-se que haja conflito quando a Polícia deixar a área

Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabralia, é o único pedaço de terra da área em que Pedro Álvares Cabral chegou, 497 anos atrás, que está em mãos indígenas e, se depender da Funai, eles vão permanecer lá para sempre. O presidente do órgão, Júlio Marcos Germany Gayger, afirmou que o governo já reconhece oficialmente o local como "área indígena" e assegurou que quando os técnicos foram fazer a medição da área tiveram o cuidado de avaliar imóvel por imóvel e, inclusive, avisar aos que estavam construindo que, para efeito de indenizações futuras, só valia legalmente até o ponto em que a casa ou pousada estava. Daí em diante, cada qual se responsabilizaria pelo que fizesse.

Eis a questão: Coroa Vermelha, o ponto em que o frei Hen-

rique de Coimbra celebrou as duas primeiras missas no Brasil, uma em 26 de abril e outra em 1º de maio de 1500, hoje tem predominância indígena, mas possui muitas pousadas e residências, e a expectativa de mudar essa realidade é sinônimo de problemas. Além disso, o governo estadual publicou, em janeiro do ano passado, um decreto de desapropriação da área, a pretexto de implantar o Museu Aberto do Descobrimento. "Sabemos que vai haver dificuldades e estamos preparados para isso. Queremos benefícios, mas sair daqui jamais. Chegamos primeiro, tanto na história, como agora, com a onda do turismo", afirma o índio Nengo, presidente do Conselho dos Caciques das 12 aldeias pataxós do extremo sul da Bahia.

Daqui até o ano 2000, quando a área será preparada para a fes-

ta dos 500 anos da chegada de Cabral, a polêmica promete esquentar. A Fundação Quadrilátero, organização não-governamental, com apoio do Ministério da Cultura e da Secretaria de Cultura e Turismo da Bahia, pretende implantar na área um exótico projeto chamado "Museu Aberto do Descobrimento", ou Made, para o qual há R\$ 3 milhões de recursos previstos, e refere-se a Coroa Vermelha como local "onde existe uma favela indígena". Realmente, a praça principal, onde há uma espécie de taba para venda de artesanato rodeada por bares e restaurantes na beira da praia, precisa de obras e os índios, que também vivem do turismo, admitem a situação. Mas eles não apenas estão ameaçados como também afastados de todas as comissões que discutem os preparativos da festa.

Projeto é considerado uma farsa

"Só falam em indenizar. Ora, não dá nem para começar a conversar", diz o cacique Carajá, admitindo que realmente o local precisa de obras porque está feio. "Mas que os benefícios venham para nos ajudar e não para nos expulsar", ressalta. "Do ponto de vista turístico é até burrice tirar o índio. Pra quê? O turista vem para cá e quer ver o índio. É como se tirassem a Mona Lisa do Louvre", observa o jornalista Antonio Alberghini, italiano que há cinco anos abraçou Porto Seguro como sua nova terra.

A Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAI), todavia, não pensa assim. É tão ríspida com o Made que, sem meias palavras, chama o projeto de "farsa", condenando de saída o fato de que toda a filosofia está centrada na idéia do "descobrimento enquan-

to ato heróico e civilizador". Um documento divulgado pela instituição cita que, além disso, tal perspectiva é profundamente marcada por "uma absurda versão contemporânea de misticismos medievais de origem lusitana, expressas em insistentes alusões a dom Sebastião, cavaleiros templários e outras personagens que, apartadas do seu contexto histórico original e absurdamente alçadas à condição de marcos de origem da nação brasileira só contribuem para a formação de uma visão obscurantista e mistificadora da nossa história".

Diz a ANAI que se o projeto do Made for tocado como é, os 500 anos da chegada de Cabral "serão uma festa portuguesa, com certeza". As universidades, por exemplo, foram completamente marginalizadas das discussões.

Missa lembra índio Galdino

Pau Brasil (Da Sucursal Sul da Bahia) – O administrador apostólico da diocese de Itabuna, frei Estevão Cinti, e o padre Amauri, da paróquia de Pau Brasil, celebram na tarde de hoje, na aldeia Caramuru, a missa de sétimo dia pela morte do índio Galdino Jesus dos Santos, assassinado há uma semana em Brasília, onde foi queimado vivo por cinco jovens.

Também são esperados representantes de diversos partidos políticos, do MST, de de várias organizações não-governamentais e do Conselho Indigenista Missionário, que criaram um comitê de apoio aos pataxós. Ontem, chegaram à Fazenda Paraíso, ocupada esta semana, 13 índios de Camamu – e estão chegando mais indígenas de outras localidades com o objetivo de reforçar a segurança da área no caso de possíveis incidentes.

O cacique Wilson Pataxó informou que a idéia é permanecer na área, pois, com a extinção do processo de reintegração de posse na Vara Única da Justiça Federal em Ilhéus, advogados da Funai e dos índios tentam uma definição da questão até a próxima segunda-feira, junto ao Tribunal Regional Federal, 1ª Região, em Brasília.

– Não somos culpados dos erros da Justiça, pois nossos advogados não foram informados da extinção do processo e tinham um recurso no tribunal de Brasília – disse.

Ontem, ele recebeu uma carta de apoio dos índios makuxi, tuarepang, ingarikó, wapixana, wai-wai, waimiri-atroari, yanomani e miogong, que protestaram contra a morte violenta de Galdino de Jesus Santos e defenderam a demarcação das áreas que estão sendo reivindicadas pelos pataxós.

Depois de uma acalorada discussão entre as lideranças indígenas e o agricultor Marcos Vinícius Gusmão, na tarde da última quinta-feira, a porteira da Fazenda Paraíso foi fechada a cadeado. A preocupação de Wilson Pataxó e dos integrantes da comunidade é com a segurança dos indígenas, que temem um incidente com o proprietário da área quando a Polícia Federal deixar a região.